

## O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS

Heber Junio Pereira Brasão<sup>1</sup>

Pollyany Regina Correia<sup>2</sup>

Liliane Rodrigues Vaz<sup>3</sup>

Cristina Soares de Sousa<sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar a relevância dos gêneros textuais inseridos no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Esses gêneros auxiliam, de forma significativa, o desenvolvimento da linguagem e podem funcionar como objetos e instrumentos de trabalho para professores. **Objetivos:** Analisar o trabalho com gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica; foram eleitos alguns teóricos que trabalham este tema, como Oliveira (2008), Bentes (2006), Koch (1997; 2006), Schneuwly e Dolz (2004). Mas a base teórica da pesquisa está ancorada em Bakhtin (1992) e Marcuschi (1996). Foram consultados, também, os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Resultados:** O trabalho em sala de aula com os diversos gêneros textuais contribui para que o aluno se depare com a Língua em funcionamento, o que lhe propicia maiores possibilidades de compreender e de produzir textos variados. **Considerações finais:** O trabalho com gêneros textuais pode ser interessante e significativo para o aprendizado da Língua Portuguesa, pela sua diversidade e praticidade de uso.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gêneros textuais. Ensino. Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** This study aimed to analyze the relevance of textual genres in the process of teaching and learning Portuguese Language. These genres significantly assist language development and can function as objects and work tools for teachers. **Objective:** Analyze work with textual genres in the teaching-learning process of the Portuguese language. **Methodology:** This is a bibliographic search; some theorists working on this topic were elected, such as Oliveira (2008), Bentes (2006), Koch (1997; 2006), Schneuwly and Dolz (2004). But the theoretical basis of the research is anchored in Bakhtin (1992) and Marcuschi (1996). National Curriculum Parameters were also consulted. **Results:** The work in the classroom with the different textual genres contributes to the student's encounter with the working language, which provides him with greater possibilities of understanding and producing varied texts. **Conclusion:** Working with textual genres can be interesting and meaningful for learning the Portuguese language, due to its diversity and practicality of use.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português/Inglês, Filosofia e Sociologia. Pós-graduado em Inspeção e supervisão e Linguística aplicado a Educação. Mestre em Educação e Doutorando em educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras Português/inglês. Pós-graduação em Administração, Planejamento, Inspeção, Supervisão e Orientação Educacional.

<sup>3</sup> Licenciada em Pedagogia pela Unifucamp. Pós-graduação em Inspeção e Supervisão Escolar pela Unicamp e Gestão da Educação Municipal pela UFU.

<sup>4</sup> Pós-doutorado em genética e docente no Centro Universitário Mário Palmério – Unifucamp.

**KEYWORDS:** Textual genres. Teaching. Portuguese language.

## INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais foram propostos por Bakhtin (2000) e têm sido muito valorizados nos trabalhos escolares. A esse respeito, Marcuschi (2002) afirma que

[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Anteriormente, a escola utilizava, principalmente, os textos literários, com a ideia de que a linguagem deve privilegiar os “bons autores” do idioma. Aos poucos, foram introduzidos outros gêneros, como o jornalístico, o publicitário e outros.

Bakhtin afirma que os gêneros textuais se definem, principalmente, por sua função social. São textos que se realizam por uma (ou mais de uma) razão determinada em uma situação comunicativa (um contexto) para promover uma interação específica. Trata-se de unidades definidas por seus conteúdos, suas propriedades funcionais, estilo e composição organizados em razão do objetivo que cumprem na situação comunicativa. Em vista do exposto, o objetivo geral deste estudo foi demonstrar a influência da linguagem usada nas redes sociais no ensino de Língua Portuguesa, nas escolas.

A pergunta de pesquisa, que orientou a realização desta investigação foi: Como trabalhar com gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa?

Este estudo se justifica porque é fundamental para o professor de línguas compreender e empregar os diversos gêneros de texto em suas aulas, não apenas os textos literários.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram tecidas, de maneira mais pontual, considerações gerais sobre a Linguística Textual —base teórica essencial para o desenvolvimento da teoria dos gêneros textuais. Em um segundo momento, utilizamos como apoio a teoria dos gêneros voltada para o ensino de Língua Portuguesa, proposta por Bakhtin (2000) e explicada por Dolz e Schneuwly (2004).

Para apresentar os resultados obtidos, este artigo se divide em três seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta os fundamentos teóricos da pesquisa e divide-se em três subseções. A primeira delas conceitua Tipologia textual, especialmente define descrição, narração, dissertação e injunção; a segunda subseção conceitua os gêneros textuais e mostra sua

Cadernos da Fucamp, v. 33, p. 92 - 101 /2024

importância na sociedade; a terceira explica como trabalhar com gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa. A segunda seção descreve a metodologia de trabalho. Em seguida, são formuladas as considerações finais e apresentadas as referências.

## **1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

### **1.1 TIPOLOGIA TEXTUAL: NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO E INJUNÇÃO**

A tipologia textual diz respeito aos tipos de textos produzidos na língua, que são quatro: descritivos, narrativos, dissertativos e injuntivos,

A narração é a forma temporalmente primária das tipologias, ou seja, a mais antiga. Acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos marcados pela comunicação de escritos pictóricos nas cavernas. A principal característica desta tipologia é contar uma história por meio de ações sequenciais, reais ou ficcionais.

Os elementos dos textos narrativos são o narrador, o enredo, os personagens, o tempo e o espaço. Sua estrutura é formada por apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Os tipos de narradores são três: observador, onisciente e personagem. Essa tipologia pode ser exemplificada pela crônica, pelo conto, pela lenda, pelo romance e pela novela.

A descrição é uma tipologia que se caracteriza por descrever algo. A descrição pode ser feita a respeito de um objeto, uma pessoa, um animal, um lugar, ou mesmo um processo. Sua função é o emissor transmitir ao leitor as impressões e/ou as qualidades de algo por ele observado.

O texto descritivo traz as impressões do emissor, como se representasse a elaboração de um retrato, como uma imagem revelada por meio das palavras.

Os textos descritivos podem ser de dois tipos: subjetivo e objetivo. Algumas de suas características são a ausência de ação e a relação de continuidade entre as frases; predomínio de substantivos, de adjetivos e de locuções adjetivas; utilização de enumeração e comparação; presença de verbos de ligação; contêm verbos flexionados no presente ou no passado. A estrutura desse tipo de texto é constituída por Introdução, desenvolvimento e conclusão. A título de exemplificação, podem-se citar textos como diário, currículo, biografia ou autobiografia e anúncios de classificados, além dos manuais de automóveis, de aparelhos celulares e de outros textos que descrevem os objetos e seu funcionamento.

Já o texto Dissertativo é aquele que apresenta ou defende ideias. Possui duas variações, pode ser expositivo ou argumentativo. Esse último é muito comum nas provas de vestibulares e concursos. Em sua modalidade argumentativa, existe, por parte do emissor, a intencionalidade de convencer e persuadir o leitor por intermédio de conhecimentos embasados, além do posicionamento corrente do autor. São textos em que a linguagem exerce função conativa (Jakobson, 1970).

Os textos Injuntivos já se caracterizam por ter o objetivo instruir e explicar. Apresentam verbos no imperativo muitas vezes e visam a, além de instruir, persuadir o leitor. Citamos como exemplo receitas culinárias e manuais de instrução. Esses últimos, além de injuntivos, são também descritivos, porque apresentam as características e o funcionamento dos aparelhos. Essa modalidade pode apresentar-se com injuntivo instrucional ou injuntivo prescritivo.

Explicados os tipos textuais, resta agora apresentar o conceito e o uso dos gêneros textuais.

## **1.2 GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITO E USO**

O palco do aparecimento da Linguística Textual foi a Europa da década de 1960. O Brasil absorveu este avanço durante as décadas seguintes: 1970 e 1980. Nesse contexto histórico, a preocupação primordial dessa corrente de estudos era descrever os fenômenos sintático-semânticos presentes nos enunciados.

No ambiente da década de 1970, um número significativo de linguistas estava preocupado em elaborar uma gramática de texto, pois havia sentenças que a gramática de frase não conseguia explicar. Assim, o texto passou a ser conceituado pelos linguistas como uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas, unidades significativas, e não mais como uma sequência de sentenças isoladas (KOCH, 1997, p. 11).

A partir de então, o objeto de estudo da Linguística Textual passou a ser o texto, haja vista que a análise da palavra ou da frase isolada não auxiliaria entender os variados fenômenos linguísticos. Esses fenômenos não podem ser explicados em outro lugar que não seja o interior do próprio texto.

Entre outros diversos teóricos e pesquisadores de texto/discurso, Dolz e Schneuwly (2004) acreditam que é por meio dos textos que o ensino da Língua Portuguesa deveria ocorrer. Sugerem, assim, o trabalho da língua baseado nos diferentes gêneros textuais, orais ou escritos.

Por sua vez, Mikhail Bakhtin (1992) propôs o trabalho com gêneros textuais, que nos esclarece muito algumas questões. De acordo com o pensamento de Bakhtin (1992), a partir Cadernos da Fucamp, v. 33, p. 92 - 101 /2024

da ideia conjectural de que todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua, o autor chega à definição de gêneros textuais: tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua.

Estas relações com a utilização da língua se concretizam em forma de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas em conteúdo, estilo verbal como por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1998. p. 279).

Assim, o tema, o estilo e a construção composicional resultam da peculiaridade de enunciados inseridos em um espaço de comunicação. E os tipos estáveis de enunciado caracterizam gêneros do discurso.

Bakhtin afirma a diversidade dos gêneros, antes mesmo de imprimir a eles uma classificação. Para o linguista, os gêneros são utilizados em todas as esferas da atividade humana, eles se diferenciam e afirmam à medida que essas esferas se desenvolvem e ganham corpo.

A abordagem bakhtiniana dá importância à diferença fundamental entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos) em detrimento de se privilegiar o enfoque em somente alguns gêneros (literários, retóricos, do discurso etc.).

Quando argumenta sobre gêneros primários e secundários, Bakhtin demonstra que a distinção entre eles não deve ser tratada superficialmente:

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 1992, p. 283).

Há, portanto, uma historicidade a ser respeitada. Há um elo entre vida e língua que não pode ser dissociado, nem mesmo para fins de análise científica. Além disso, a unidade de comunicação utilizada pelos sujeitos não é o texto, mas, sim, o enunciado, muito embora sua noção de enunciado seja equivalente, por vezes, à noção mais comum de texto (BALDO, 2004, p. 3).

Ao colocar frente a frente as proposições de dois autores (Bakhtin e Marcuschi), Baldo (2004) afirma que, para Bakhtin, a classificação do gênero não tem suma importância. Já Marcuschi (1996) acredita que seja por meio de um trabalho de classificação que se forma uma noção concreta de gênero, contribuindo concomitantemente para o entendimento da relação entre a fala e a escrita, dos processos de contextualização e de seleção lexical e estilística. (BALDO, 2004, p. 4).

Gêneros são “[...] modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso” (MARCUSHCHI, 1996. p. 4). Este autor elaborou uma diferenciação entre Gênero – modelo concretamente realizado, encontrado em variados textos empíricos, e Tipo Textual, produto teórico que abarca determinadas categorias.

Entre essas categorias – que podem ser simplesmente oral ou escrito, literário ou não literário – se encontram as descritas por Werlich (1973) em cinco bases para os tipos textuais. Essas bases se conceituam como descritiva, narrativa, expositiva, argumentativa e instrutiva.

A partir dessas observações, podemos dizer que, enquanto os gêneros textuais são teoricamente ilimitados, os tipos textuais constituem um conjunto fechado. (BALDO, 2004)

### **1.3 COMO TRABALHAR COM GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Os gêneros são formas de funcionamento da Língua e da Linguagem, criados em diferentes espaços sociais em que o indivíduo circula. Os gêneros são produtos sociais extremamente heterogêneos e possibilitam, dessa forma, infinitas construções ao longo da comunicação (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

Portanto, para que os alunos dominem diferentes gêneros, é necessário que o professor construa estratégias de ensino, com o objetivo de levá-los ao desenvolvimento das capacidades necessárias para aprender os gêneros trabalhados e fazer melhor uso deles, e isso pode ser alcançado por meio de estratégias ou sequências didáticas criadas pelos docentes.

É fundamental que os professores, durante o processo de ensino/aprendizagem, criem estratégias que possam conduzir os alunos a um processo de domínio de diferentes gêneros. Essa prática é indicada para que os discentes possam explorar suas possibilidades de se utilizarem de forma eficaz da construção de textos a partir dos gêneros trabalhados em sala de aula.

Uma das maneiras por meio das quais se pode trabalhar os gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa é a Retextualização. Esse método não trabalha unicamente à paráfrase do texto tido como “fonte”. Esta é uma forma de ação com caráter mais importante, pois evidencia uma refacção de outra forma, modelo ou gênero, daquilo que foi dito e/ou escrito por alguém

(MARCUSCHI, 2001), colocando como evidenciando a essencialidade da situação de produção e recepção de um texto.

De acordo com Borges e Borges (2017), há duas grandes vantagens em se trabalhar os gêneros por meio da retextualidade<sup>5</sup>

#### **1.4 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: A VISÃO DOS PCNS**

A multiplicação, nos últimos anos, de estudos e pesquisas acerca dos gêneros textuais na área da linguística destinados ao estudo das línguas é abordada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

Em nosso país, podemos observar que, entre esses estudos que abordam o trabalho com gêneros, os pesquisadores se baseiam tanto na linha de Swales<sup>6</sup> quanto na Escola de Genebra, sob a tutela de Bakhtin. Também se pode observar uma tendência advinda dos estudos de análise do discurso que ganharam corpo nos Estados Unidos. No entanto, em qualquer pesquisa, mesmo não se baseando totalmente na linha criada e discutida por Bakhtin, ele aparece, ora como norteador da pesquisa, ora como ponto de interesse e discussão.

Não se pode comunicar verbalmente senão por via de um gênero. De acordo com (MARCUSCHI, 2008, p. 154), “[...] isso acontece porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. Pode-se, assim, perceber que o ensino/aprendizado em leitura e produção textual passou por uma revisão para abarcar o trabalho com gêneros no ensino da Língua Portuguesa. Atualmente, os ensinos, ou sua maioria, estão pautados nos estudos sobre gêneros.

Nos próprios PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais) podem-se observar métodos que passam pelo estudo dos gêneros como propriedade de compreensão e direcionamento na ação comunicativa interpessoal.

---

<sup>5</sup> A Retextualização se caracteriza pela refação de um texto, oral ou escrito, em outras condições de produção (levando em conta diferentes ideologias, valores, outros enunciadores e enunciatários, em outra linguagem, em outro gênero, em outro meio de circulação, etc.) Para entender melhor ver: BORGES, JFB. BORGES, RC. A palavra é retextualizar: um trabalho com gêneros textuais na escola. Cad. Pesqui. vol.47 no.166 São Paulo. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742017000401326#B13](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000401326#B13)

<sup>6</sup> Swales (1992), examina a diferença entre gêneros primários e gêneros secundários e não concorda com Bakhtin considerar essa diferença tão profunda e essencial, e também em colocar os gêneros secundários como produto direto dos primários. Cf. SWALES, John M. Rethinking genre: another look at discourse community effects. Apresentado no “Rethinking Genre Colloquium, Universidade de Carleton, Ottawa, abr. 1992. Tradução de Benedito Gomes Bezerra — Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva.

Ao estipular uma formatação padrão do ensino de leitura e escrita em todo o território nacional, vemos que os PCNs defendem a adoção do método baseado de gêneros para a escrita e produção de textos, a considerar a escrita e a oralidade.

Assim, poderia haver diversas possibilidades em se produzir e compreender os gêneros textuais presentes em nossos cotidianos.

## 2 METODOLOGIA DE TRABALHO

A metodologia de pesquisa utilizada para o desenvolvimento do trabalho é a pesquisa bibliográfica, por meio de análise e revisão de literatura, principalmente em relação às ideias de Bakhtin, Marcuschi e a outros autores por meio de textos materiais, artigos e *sites* da internet que tratam do assunto.

Bakhtin (1979, p.78), desenvolveu a ideia de que “[...] o locutor serve-se da língua para as suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)”. Para esse teórico russo, a enunciação possui uma natureza social e ideológica, portanto não existe fora do contexto social. Bakhtin defende que “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 1999, p.98). Em outras palavras, é um diálogo social, é a unidade base da língua; trata-se, então, do discurso intencional e exterior.

Podemos perceber que a linguagem verbal desempenha um papel primordial pelo fato de que “[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada, tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 1979, p. 99).

De acordo com o conceito de linguagem desenvolvido por Bakhtin, toda palavra é um signo. O domínio do ideológico é o domínio do signo. Cada signo ideológico é um reflexo da realidade, bem como um fragmento natural dessa realidade; toda modificação dessa ideologia encadeia uma modificação na língua.

A palavra é “um signo ideológico por excelência” (BAKHTIN, 1929, P.18). Dessa forma, esse autor sustenta que, como qualquer outro signo, a palavra não pode ser pensada fora de seu contexto social. O meio em que a palavra se encontra dá a ela traços ideológicos e simbólicos que não permitem que seja pensada fora desses limites conceituais. Por sua escrita: “[...] a palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que o fala” (BAKHTIN, 1929, p.180).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisaram-se as teorias referentes ao estudo dos gêneros textuais e sua importância e relevância para o ensino da Língua Portuguesa. Ao aplicar uma postura teórico-metodológica que abarque gênero, tipo de texto e domínio discursivo, o professor de Língua Portuguesa pode ampliar sua estrutura de trabalho e pesquisa e, conseqüentemente, atualizar e deixar rica sua metodologia no ensino de nossa língua.

Ao discutir métodos e teorias, o trabalho demonstrou como a utilização de gêneros, a pensar suas modalidades e abordagens pode propor aos aprendizes da língua materna uma atividade socialmente plural, pois, ao tratarmos os gêneros como um corpo social presente na estrutura ideológica dos meios nos quais está imerso, os alunos se tornam sujeitos do processo de aprendizagem em uma experiência de pertencimento e autorreferência. E, desta forma, os docentes e discentes podem avaliar sua própria prática discursiva.

Portanto, ao se enxergar o aluno dentro de sua compreensão como sujeito social, em seu meio e em sua cultura, em sua fala e em sua escrita, em suas experiências e referências, pode-se enriquecer e ampliar o sucesso de aprendizagem, a tecer uma aproximação do mundo escolar e da vida prática e cotidiana desse aluno.

Entre os métodos aqui estudados e as possibilidades de uso, é possível vislumbrar um trabalho que parta do universo do aluno e seja referendado na escola, e não o contrário. Ao reconhecer na prática didática a prática imbuída da representatividade deste aluno, encurta-se o caminho entre ensino e aprendizagem, entre teoria e prática, e, por fim, entre respeito e pertencimento na relação do aluno com sua vida, local de fala e instrumentalização adaptada ao seu meio.

Os profissionais da educação têm muito a somar em sua prática ao se utilizarem dessas reflexões a mudar seu repertório de ação dentro da sala de aula. E, assim, podendo ampliar a fronteira da aprendizagem para além dos limites da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023, de 21.11.2018**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1992  
Cadernos da Fucamp, v. 33, p. 92 - 101 /2024

BALDO, Alessandra. Gêneros discursivos ou tipologias textuais? **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel**. V. 2, n. 2, março de 2004. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br) Acesso em 28 de setembro de 2020.

BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, p. 245-285, 6.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua portuguesa de 5ª a 8ª série do 1º grau. Brasília: MEC/SEE, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística textual: um balanço e perspectivas. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). **Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários**. Uberlândia: Editora EDUFU, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 7.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais**. Recife. Trabalho não publicado. (1996)

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Linguística textual. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.). **Manual de Linguística**. p. 157-174, São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

WERLICH, H. **Le Temps**. Paris: Editora Seuil. 1973.